

poesia popular

(Trabalho escrito na cidade de Rio Grande em 1880)

CARLOS A. MILLER

Trabalho póstumo apresentado
ao I Congresso Brasileiro de
Folclore (1951)

Parecer do Relator

CECÍLIA MEIRELLES

1 — Este trabalho póstumo, de autoria do Sr. Carlos Miller, é encaminhado ao Congresso de Folclore pelo Sr. Walter Spalding, que lhe acrescentou duas notas: uma, final, sobre o estabelecimento dos açorianos no Rio Grande do Sul; outra, inicial, e mais importante, contendo dados biobibliográficos do A., que nasceu na cidade de Rio Grande, a 12 de dezembro de 1855, e faleceu na mesma cidade a 7 de maio de 1924*.

2 — Dessa nota, extraímos o seguinte trecho: “tratando-se de trabalho quase que totalmente inédito e de interesse, pois remonta ao século passado, escrito há mais de 70 anos, resolvemos apresentar ao *I Congresso Brasileiro de Folclore* a presente comunicação póstuma que traz, em suas páginas, matéria ainda desconhecida e que bem merece divulgação ampla, pois que servirá aos folclorólogos de amanhã”.

* A nota final sobre a instalação dos Açorianos no Rio Grande do Sul, nós a retiramos na presente publicação, por a têmos publicado em nossa obra *Tradições e Superstições do Brasil Sul*, edição da Organização Simões, Rio de Janeiro, 1955, págs. 11 a 16. Em compensação acrescentamos outra justificando a ampliação do trabalho de Carlos Alberto Miller com novas achegas que nos foram entregues pelo filho do A., Dr. Alcides Lopes Miller (1885-1957), completando, assim, o trabalho paterno. — W. Sp.

3 — Começa o A. por uma referência ao estado de desconhecimento em que se encontrava a poesia popular “ainda não há muito tempo” (o trabalho traz a data de 1880).

4 — Alude, a seguir, à *Nau Catarineta*, e aos sentimentos que a originaram, afirmando: “Foram as saudades o incentivo para tôdas as canções populares, até o presente”.

5 — Como contribuição às investigações de Sílvia Romero, transcreve o A. a *Nau Afonso*, dizendo “que parece não foi ainda publicada”. É uma versão incompleta, segundo o A. O trecho transcrito compõe-se de um MOTE, em quatro versos, rima alternada, *abcb*, metro de sete sílabas. Parece-nos que há um engano de cópia no primeiro verso. Onde se lê: “Nau Afonso, quando volta”, talvez se deva ler: “Nau Afonso, quando voltas”. . . Segue-se a GLOSA, em três décimas, cada uma correspondendo a um dos versos do MOTE. Falta a GLOSA do terceiro verso. Falta, também, um verso à segunda décima. Na primeira décima, a disposição das rimas é esta: *abbaaccddc*. Na segunda: *abaaccddc*. O A. lamenta a imperfeição da última estrofe que, tal como está, é bastante difícil de entender. Tornar-se-ia mais inteligível se a palavra Bacharel, que ocorre no 8.º verso, fôsse corrigida para Baixel (Baichel), que supomos seja o termo legítimo.

6 — Transcreve o A., a seguir, o *Jardim de Flôres*, poesia que também considera inédita, e que, como a anterior, se compõe de um MOTE em quadra de sete sílabas, rima *abcb*, glosado em quatro décimas, como as anteriores rimadas em *abbaaccddc*. Nestes há pequenas imperfeições de rima, tais como: a, or-flôres; galante-semelhantes; algumas-uma-nenhuma; — o que pode ser, aliás, erro de cópia.

7 — Declara o A. que essas foram as únicas versões que pôde obter, acreditando “como o Sr. Koseritz, que aqui” (no Rio Grande) “não existem xácaras e romances populares”.

8 — Alude em seguida ao “pedido de casamento de um marinheiro que não é mais que uma transformação da xácara — O FLORIOSO — transcrita pelo Sr. Sílvia Romero no n.º de 15 de outubro de 1879 da *Revista Brasileira*”, assinalando a diferença, pois a de Romero trata de um negro, e a sua de um marinheiro. Confronta duas quadras dessas xácaras.

9 — Passa a transcrever a “xácara da ribeira, como já a ouvimos classificar”. São dezenove quadras, de sete sílabas, em rima *abcb*. (É a xácara do marinheiro, a que se refere o item 8.) A xácara é dialogada, e representa o pedido de casamento do marinheiro a uma menina de 15 anos, que se esquivava. A tendência das quadras é ligarem-se umas às outras, senão pela reprodução do último verso, por alguma palavra dêle, ou pelo sentido nêle expresso. Ex.:

último verso da 2.ª quadra:	“se vem para alguma envia?”
primeiro da 3.ª:	“A envia por onde venho...”
último verso da 5.ª quadra:	“na vossa nobre escola”
primeiro da 6.ª:	“Escola tenho de minha...”
último verso da 14.ª quadra:	“torna por onde vieste”
primeiro da 15.ª:	“O caminho por onde vim...”

10 — Várias considerações do A., como aquelas com que parece filiar tôda “poesia popular” às epopéias marítimas, são difíceis de sustentar hoje. Mas é preciso levar-se em conta que se trata de um documento de 1880, escrito no Rio Grande, — o que é suficiente para atenuar-lhe tôdas as imperfeições, e valorizar-lhe os elementos positivos de contribuição folclórica.

11 — Transcreve o A., em continuação, o *Abc dos Amôres*. E como a seu respeito diz: “que, parece, também foi importado do Arquipélago dos Açôres”, presume-se que, na opinião do A., as peças anteriores devem ser consideradas de origem açoriana.

12 — O referido *abc* compõe-se de 23 quadras, de sete sílabas, com rimas em *abcb*. Há duas quadras para o A. Faltam as quadras do J, do K, do U, do W e do Y. Há uma quadra para o Til, que é a do encerramento. A quadra do X começa pela palavra “xorando”. Apenas uma rima assonante, na letra F: “ouvido-cativo”. Sete quadras em terminação aguda, em verso masculino. A expressão “prenda minha” na letra B. A quadra da letra H começa com a forma antiquada do verbo *ser*: “Hé bem que chorem meus olhos...” (o que trai a origem culta do *abc*, pois isso não podia suceder em improviso ou composição oral). A quadra da letra O tem a curiosidade de mencionar o *sabiá*: “O sabiá quando canta...”. Observe-se na letra V a expressão do 1.º verso: “Vivo tão pensionado...”. Em geral, a metrificacão e as rimas são boas; há pequenas incorreções que devem ser deformações do tempo.

13 — A seguir o A. apresenta uma *Silva de Quadrinhas*, recolhidas “pela cidade e município do Rio Grande, Povo Nôvo, São José do Norte, entre as quais algumas ouvidas da boca de Maria Joaquina, que era um repositório destas coisas”. (Lamentavelmente, o A. não menciona a data de coleta, nem a idade e outras qualificações da informante.) São, ao todo, 41 quadras, de sete sílabas, divididas em três grupos: o 1.º compreende três quadras sobre o tema “a perpétua”; o 2.º, duas quadras à “querida prima”; as 36 restantes são variadas, e muitas delas se encontram no cancionário luso-brasileiro, seja com a mesma forma, seja em diferentes variantes. O curioso nessas quadras é a diversidade de rimas que apresentam: *ara, ada, ado, ando, ão, ar, ata, ê, ece, eixo, eiu, endo, ento, erto, êr, ér, eu* (dois casos) e *em* (quatro casos); *ia, ida, inho* e *im* (dois casos); *or* e *oso*; *undo* — ou sejam 25 rimas em 30 casos. As 5 quadras restantes

apresentam as seguintes anormalidades de rima: ias-ia; eiro-erei; ar-al; ido-ser; ivro-ivo: ãos-ao; — sendo que no 5.º caso, parece evidente lapso de cópia ou ouvido.

14 — Segue-se mais um documento: 8 quadras (sete sílabas, rima *abcb*) de um diálogo de namorados, com dois casos de assonância: *entes-empre* e *al-ar*. Nos seis casos restantes, as rimas *ão, ar* (dois casos), *ir, igo* e *ou*.

15 — O A. julga a composição anterior de origem açoriana, bem como a seguinte, ainda que esta, conforme diz, “não figura no ‘Romanceiro Geral’”. Esta composição é também dialogada, como os desafios, com a particularidade, já assinalada noutros casos, de começar cada quadra pelo último verso da quadra anterior, ou pelo menos do sentido nêle expresso. São, ao todo, 13 estrofes. A primeira, de 6 versos, ou seja uma quadra e dois versos fragmentados. Seguem-se sete quadras regulares, havendo uma interrupção de texto, que nos parece sem razão de ser, pois o diálogo continua encadeado. E mais cinco quadras, das quais a última não está completa: falta-lhe o primeiro verso*. Excetuando-se a 1.ª estrofe, irregularmente constituída, por fragmentação, tôdas as quadras apresentam rima *abcb*, com dois casos especiais: uma assonância imperfeita: *oce-oso* e uma rima plural-singular: *pobres-nobre*.

16 — O A. termina entregando a “mais abalizados escritores” o estudo de “um assunto tão vasto quão importante”.

OBSERVAÇÕES — É digna de todos os louvores a lembrança do Sr. Walter Spalding de encaminhar a êste Congresso o presente estudo, que enriqueceu com uma preciosa nota sôbre o A. Êste despretensioso estudo, que se apresenta num Congresso de Folclore setenta e um anos depois de escrito, merece ser apreciado de maneira especial, levando-se em consideração a época em que foi feito, e o que representa, portanto, como antecipação, pois todos sabemos com que desprêzo eram recebidas, até bem pouco, quaisquer pesquisas sôbre o assunto. A matéria contida neste trabalho é valiosa, para estudos comparativos tanto do folclore rio-grandense-do-sul como nacional. Se não puder ser transcrita como contribuição a êsses estudos nos Anais do Congresso, deve ser publicada no Boletim da Comissão Nacional de Folclore, para que dela tomem conhecimento os pesquisadores de nossa poesia popular.

Rio de Janeiro, em 20 de agosto de 1951.

* A falha notada por D. Cecília Meirelles foi corrigida na versão presente, pois a cópia que nos havia sido anteriormente entregue, estava, neste ponto, defeituosa, o que verificamos quando o Dr. Alcides Lopes Miller nos entregou o restante do material, no qual vinha reproduzida a composição a que alude a eminente mestra no item quinze de seu notável parecer. — W. Sp.

Nota Preliminar

PROF. WALTER SPALDING

DA COMISSÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE FOLCLORE

A poesia popular do Rio Grande do Sul teve seus estudiosos. Entre êstes merece ser lembrado o nome de Carlos Alberto Miller, também poeta, historiador e musicista.

Na poesia deixou-nos *Casuarinas*, livro de versos editado pela Livraria Americana, em 1886, e mais alguns volumes que ficaram inéditos.

No romance, gênero a que também se dedicou, deixou, infelizmente inédito, *Morgadinha de Faro*; para o teatro escreveu a cena dramática, em verso, *Tiradentes*, e mais um conto — *Retrato de Vênus*.

Como historiador, publicou *Tiradentes Perante a História* (ou resposta às alegações de Pernambuco), réplica ao estudo de igual título do Dr. Domingos Codeceira. Êste trabalho valeu-lhe a nomeação de sócio correspondente dos Institutos Históricos da Bahia e do Ceará (neste por iniciativa do Barão de Studart). Por motivo de crenças religiosas — a “Religião da Humanidade”, criada por Augusto Comte — não aceitou os títulos. Carlos A. Miller era positivista intransigente.

Como musicista, entre várias outras peças que ficaram inéditas, publicou: — *Sinfonia Religiosa*, dedicada à memória de Augusto Comte; *Ave, Clotilde!*, melodia religiosa executada pela Igreja Positivista do Rio de Janeiro; *Donna si Tanto Grande*, também melodia religiosa (1.º e 2.º motivos); *Chanson d'Amour*; *Serenata Mourisca*; *Capriche-Étude*; *Feu-Follets*; *Saltitante*; *Harmonias da Tarde*, tôdas grandes composições. Entre as menores, encontramos: *Dulce*, habanera; *Isaura*, mazurca; *Dácia*, polca; *Alice*, lundu; *À Liberdade*, hino, e *Júlio de Castilhos*, hino.

Da *Poesia Popular*, coleta com caráter sistemático, reunimos nestas páginas o que publicou, em parte, em 1880, no *Eco do Sul*, da cidade do Rio Grande, e mais o que deixou inédito por ter enviado a Sílvia Romero e Teófilo Braga, que o citam na primeira edição de suas obras sôbre folclore.

Em sua esplêndida *História da Poesia Popular Portuguesa*, Ciclos Épicas, 3.ª edição, pág. 830, Teófilo Braga, referindo-se ao estudo da poesia popular no Brasil, assim se expressa:

“Os estudos e investigações sôbre a poesia popular brasileira foram também encetados pelo malogrado e talentoso Celso de Magalhães, em 1873, sob o influxo do ‘Romanceiro’, de Garrett, e do nosso ‘Cancioneiro’ e ‘Romanceiro Geral’. Celso de Magalhães coligiu os cantos populares no Maranhão, Piauí, Ceará e Pernambuco. Seguiu-se-lhe Sílvia Romero que formou a coleção dos ‘Cantos Populares do Brasil’, explorando Pernambuco, Sergipe, Rio de Janeiro, e ainda Bahia e Alagoas”.

“Dos escritos sobre estes assuntos de Celso de Magalhães, José de Alencar, Carlos Koseritz, *Carlos Miller* e Teófilo Braga, o coletor joiou alguns espécimes da nossa poesia popular”, diz Silvio Romero na primeira edição dos *Cantos Populares do Brasil*.

São, justamente, estas contribuições de Carlos A. Miller que a seguir transcrevemos, na íntegra.

Carlos Alberto Miller nasceu na cidade do Rio Grande, a 12 de dezembro de 1855, e faleceu na mesma cidade a 7 de maio de 1924. Ocupou diversos cargos públicos, tendo sido Administrador da Mesa de Rendas do Estado, na cidade do Rio Grande, logo após a proclamação da República, e ainda diretor-gerente da extinta Cia. Fluvial, em Porto Alegre, tendo sido também vereador e conselheiro municipal, elevado à presidência da Câmara da Cidade do Rio Grande.

Carlos A. Miller dedicou-se igualmente à imprensa, fazendo parte da redação do *Eco do Sul*, e além disso colaborou em diversos jornais, em prosa e verso.

No Rio Grande do Sul foi Carlos A. Miller verdadeiramente um pioneiro, ao lado de Koseritz, na coleta e divulgação de nosso folclore.

Por isso a oportunidade de seus trabalhos no gênero, que aqui reunimos sem maiores pretensões.

Poesia Popular

Ainda não há muito tempo, poucas eram as pessoas que acreditavam numa poesia popular no Brasil.

Todos os escritores nacionais julgavam talvez perdidos para sempre esses cantos semimarítimos, semi-amorosos de uma geração que expirou nos princípios do século XIX.

Porém hoje, que essas tradições são arrancadas ao limbo do esquecimento por Teófilo Braga e Silvio Romero, devido à memória dos contemporâneos, já se acredita na influência dessas xácaras e romances, filhos do sentimento popular, das saudades que sentiam os que partiam para longínquas terras.

A *Nau Catarineta* de certo não nasceu doutro sentimento, nem teve origem diversa. Foram as saudades o incentivo para todas as canções populares, até o presente.

Sobre a *Nau Catarineta* recolhemos uma versão com pequenas diferenças da publicada pelo Sr. Carlos von Koseritz. As diferenças estão, principalmente, nos seguintes versos:

*Arriba, arriba, chiquito,
Deus te queira ajudar.
Já vejo terra de Espanha,
e areias de Portugal.*

E também nestes versos:

*Essas são minhas filhas,
todas três te quero dar,
uma para te vestir,
outra para te calçar,
e a mais bonitinha delas
para contigo casar.*

Pertence esta que recolhemos à versão açoriana. Ouvimo-la mais de uma vez, o que prova que correm aqui diversas versões.

Transcrevemos, a seguir, na íntegra, a versão que obtivemos:

*Aí vem a NAU CATARINETA
farta de navegar,
sete anos e um dia
sobre as ondas do mar.*

*Não tinham mais que comer
nem tão pouco que manjar:
botaram sola de mólho
para domingo jantar.*

*A sola era tão dura
que não podiam tragar;
botaram sortes em branco
a quem devia tocar.*

*A sorte caiu em prêto
no nosso capitão-general,
a maruja era tão boa
que não queria matar.*

Capitão:
*Arriba, arriba, chiquito,
Deus te queira ajudar.
Já vejo terras de Espanha,
e areias de Portugal.*

Chiquito:
*Não vejo terras de Espanha
nem areias de Portugal,
vejo só três espadas
pra contigo pelejar.*

Capitão:
*Arriba, arriba, marujo,
naquele tope real;
vê se vês terras de Espanha,
areias de Portugal.*

Marujo:
*Alvissaras, alvissaras, meu capitão,
alvissaras vos quero dar,
pois vejo terras de Espanha,
areias de Portugal,
também vejo três meninas
debaixo de um laranjal.*

Capitão:
*Essas são minhas filhas,
tôdas três te quero dar,
uma para te vestir,
outra para te calçar,
e a mais bonitinha delas
para contigo casar.*

*Palavras não eram ditas,
Chiquito caiu no mar...*

Vamos, agora, transcrever a *Nau Afonso* que, não tendo tanta poesia como a que citamos acima, tem de certo real mérito, como a primeira. Aqui não faremos mais que coadjuvar em suas investigações ao Dr. Sílvio Romero. Não firmamos opinião, apenas cumprimos um dever, trabalhando em prol duma causa tão justa, para a qual cooperaram C. de Magalhães, Freitas e Araripe Júnior.

Eis a *Nau Afonso* que, nos parece, não foi ainda publicada. Infelizmente está mutilada, pois não foi possível obtê-la completa:

MOTE

*Nau Afonso quando volta
a dar-me consolação?!
Olha tu que lá me tens
alma, vida e coração.*

GLOSA

*Nau Afonso que vaidosa
vais sulcando os crespos mares
de meus saudosos pesares
és a causa rigorosa;
tu que na proa formosa
ternos amôres escoltas,
quando ao vento as velas soltas
levando-me o coração,
dizei-me por compaixão
Nau Afonso quando voltas.*

*Ardendo num fogo intenso,
sempre te trago comigo,
se velho só em ti penso.
Parece-me o tempo imenso
da nossa separação;
Ah! tem de mim compaixão
volta já não se detenha
senão morro, antes que venha
a dar-me consolação.*

(Aqui falta uma glosa, findando com esta:)

*Se vento ou água faltar,
para vir dêsses retiros,
meus olhos e meus suspiros
vento e água te hão de dar.
Mas, céus, que triste pesar
me tenha a luz da razão
dando-me essas vêzes em vão
surdo Bacharel se eu pudera
para melhor te dera
alma, vida e coração.*

Passamos agora a transcrever *O Jardim de Flôres*, que julgamos também inédita. Há muita expressão e muito chiste nestas décimas:

MOTE

*No jardim das belas flôres,
andei à procura de uma;
que se parecesse contigo
ainda não achei nenhuma.*

GLOSA

*O cravo, a rosa, o jasmim,
mosquetes, junquinhos belos,
goivos brancos e amarelos,
e o rainúnculo carmesim,
entre as flôres do alicrim
achei suspiros de amor;
malmequeres com rigor
atacando amor-perfeito;
vi saudades do meu peito
no jardim das belas flôres.*

*Com teu retrato presente,
olhei para o lírio branco,
dobrada papoula arranco.
E logo deixei de repente:
continuo delinqüente,
examinando uma a uma
e só a saudade da pluma
abalou meu coração;
com a tua perfeição
andei à procura de uma.*

*Das damas a cercadura
tem um verde mui galante,
porém não são semelhante,
nem tem a tua figura,
açucena na candura,
tem seu agrado isso digo,
tôdas as flôres comigo
têm seu valor bem o sei,
porém uma eu não achei
que se pareça contigo.*

*São tantas as flôres belas
que tenho visto nascer,
que me é difícil dizer
os nomes em números delas,
mas eu já vi entre elas
com semelhanças algumas
porém nem sômente uma
contigo possa ombrear
e que te possa igualar
inda não encontrei nenhuma.*

Foram estas as únicas versões que pudemos obter. Cremos, como o Sr. Carlos von Koseritz, que aqui no Rio Grande do Sul não existem xácaras e romances populares. Se existiram, perderam-se por completo.

Assim julgamos porque uma xácara apenas não constitui elemento para uma conclusão contrária. De mais, se houvesse por aí em abundância, já estariam em nosso poder, ou no poder do Sr. Koseritz.

Encontramos ainda o pedido de casamento de um marinheiro, que não é mais que uma transformação da xácara *O Florioso*, transcrita pelo Sr. Sílvio Romero no número de outubro de 1879, da *Revista Brasileira*.

Aqui é notável a diferença da nossa versão com relação à do Sr. Sílvio Romero. A que vamos transcrever refere-se a um marinheiro; a outra, faz referência a um negro.

A do *Florioso* contém os seguintes versos, que são para nós verdadeira chave:

*Quanto a mim eu não te quero
nalma nem no coração;
ali só te peço negro
que não me toques na mão.*

A nossa diz:

*Quero-te muito mancebo
nalma e no coração,
mas não há de ser por isso
que tu me hás de pôr a mão.*

O termo *mancebo* explica bem a nossa questão.

A poesia popular, ou lucubrações anônimas, importadas de além-mar, exprimem bem o sentimento marítimo dos nossos antepassados, e, portanto, faziam referências a homens de côr branca e não a escravos ou libertos mesmo. Eis por que o estudo da poesia popular deve merecer de todos real aprovação, e os que a ela se dedicam, verdadeira apologia dos homens estudiosos das nossas coisas populares.

E afirmando com certeza que o *jogral* não existe entre nós, pois não conhecemos sequer um exemplo, passamos a transcrever integralmente o *Pedido de Casamento* ou *Xácara da Ribeira*, como também já a ouvimos classificar por um dos recitadores:

*Dai-me licença, senhora,
dai-me licença inteira;
quero fazer uma nau
na vossa rica ribeira.*

“Com licença, meu senhor,
e da senhora da Guia,
dizei-me senhor mancebo
se vem para alguma envia?”

A envia por onde eu venho,
vou lhe dizer na verdade,
que ando repassando o tempo,
são coisas da mocidade.

“Folgo muito em saber
que a sua rica memória
se encerra em saber ler,
do que lhe fica real glória...”

Não sei ler nem escrever
nem também tocar viola;
ainda pretendo aprender
na vossa mui nobre escola.

“Escola tenho de minha
colégio para vós aprender;
Deus vos dê boa memória,
memória para saber.”

Ausente, guapa senhora,
tão esquiva no falar,
que quando eu pensei senhora
que vós me querieis mal.

“Quero-te muito mancebo
nalma e no coração,
mas não há de ser por isso
que tu me hás de pôr a mão.”

Não te quero pôr a mão
nem também bolir convosco;
só estar a par de ti,
nisto faço muito gôsto.

“Nisto fazes grande gôsto,
desgostar por vida vossa;
que esta rosa que aqui está
cla é de outro, não é vossa.”

Se ela é doutro e não é minha,
inda pode vir a ser;
ide chamar vosso pai,
que nos venha receber.

“Não vou chamar meu pai,
são coisas mui escusadas;
meninas de quinze anos
ainda não regem a casa.”

Meninas de quinze anos
regem casa e têm marido;
assim fazei-vos senhora
quando casares comigo.

“A resposta está bem dada,
mancebo tu foi que a deste;
se não sabes o caminho,
torna por onde vieste.”

O caminho por onde eu vim,
eu de certo bem o vejo,
mas espero ainda levar
esta rosa a par de mim.

“A rosa não levarás
porque ela não quererá;
volta cá um outro dia
que a resposta levará.”

Não volto cá outro dia,
nem rompo sola deval;
não quero nada por fôrça
que não faz amor igual.

“Não rompas sola mancebo,
que sola custa dinheiro;
podes te gabar mancebo,
que fôstes vós o primeiro.”

Eu como fui o primeiro,
que pequi por ignorante,
aquí estou a vossos pés
como ser firme amante.

A diferença desta para a xácara publicada na *Revista Brasileira* implicava um estudo mais aturado: por certo alguém se encarregará desta missão.

* * *

A originalidade da poesia popular, a feição predominante, é essa naturalidade e singeleza das locuções anónimas, que a torna tão fácil à memória pelo seu estilo gracioso e pitoresco.

Filha de imaginações exaltadas pelas epopéias marítimas d'além-mar, traduz perfeitamente o sentimento da verdade, sem sacrificar, sequer, a realidade objetiva que é a sua feição predominante.

Cumprir ser rigorista para não compreender mais ou menos esse carácter naturalista da poesia popular. De um lado a estesia popular que não desmente a vocação tradicional do povo; do outro a grandeza épica das guerras e navegações memoráveis nos fastos da História.

Quem não compreender que o povo tem maneira própria de exprimir o que lhe vai na alma, sem desmentir, sequer, um instante, a verdade histórica dos acontecimentos e a realização estética do seu modo de sentir e de pensar, de certo não compreenderá a sublimidade dessas mais ou menos apreciáveis lucubrações.

Nessas tradições orais que perpassam de geração em geração, encontram-se diversas variantes, com feições diversas, já apropriadas ao clima, já modificadas pelos costumes, mas o fato histórico é sempre o mesmo.

Modifica-se e varia-se tudo: a forma, o estilo, a linguagem, mas o fundo não, esse impõe-se pela realidade: são as recordações do passado modificadas pelo presente.

Vamos, agora, transcrever o *Abc dos Amôres*, que, parece, também foi importado do Arquipélago dos Açôres.

Em todo o caso, com a transcrição destas líricas, devemos procurar aprofundar esta questão sem deixar-nos levar pelas primeiras impressões.

O resultado do nosso estudo será talvez um pequeno serviço prestado à nossa cara Província, por quem não se recomenda nem pelo talento, nem pela ilustração.

As líricas são as seguintes:

A — *Aqui te mando benzinho
um a-b-c de amôres;
para que nêle tu vejas
os meus suspiros e dores.*

A — *Anda cá meu doce bem
anda a ver prenda querida,
as queixas que tu me formas
nos passos da minha vida.*

B — *Bem conheço prenda minha
que a vida tu me deixaste
por sentires grande falta
de um coração que roubaste.*

C — *Cadeias foram teus olhos,
grilhões os teus carinhos
que prenderam meus afetos
entre os maus duros espinhos.*

D — *De cada vez que te vejo,
se me dobram as prisões;
eu juro teres roubado
duzentos mil corações.*

E — *Empenhei-me a experimentar
a dureza do teu peito;
nasci fôrro, sou cativo;
sou leal e até sujeito.*

F — *Feriste meu coração
para dêle sêres ouvido,
ficaste sendo senhora
eu fiquei sendo cativo.*

G — *Glória dos tempos passados,
que tão depressa fugistes,
que te faziam meus olhos
que vos fazem andar tristes?*

H — *Hé bem que chorem meus olhos
de uma dor que os atormenta,
um sensível coração
pelos olhos arrebenta.*

I — *Ide meus olhos andando
nestas águas que chorais;
amor de meu coração
quando nos veremos mais?*

L — *Lágrimas cai, cai,
relatai a minha dor,
pois um triste coração
não tem outro portador.*

M — Mais me valia morrer
quando em ti eu pus sentido:
não cuidei que tantas mágoas
me tivessem combatido.

N — Não abalas tanto ingrata
um triste aflito queixoso;
pois seja de minha vida
fim, tormento rigoroso.

O — O sabiá quando canta
forma queixa de sentido;
eu também me queixarei
por ser mal correspondido.

P — Peço-te benzinho amado
que me faças um carinho,
que vivas na esperança
quando hei de ser teu benzinho.

Q — Quem ver a enchente do mar
não lhe causa confusão,
que são águas dos meus olhos,
fontes do meu coração.

R — Rebenta minh'alma aflita
que está ferido o meu peito;
pelo muito que eu padeço,
menina por teu respeito.

S — Suspenderei os meus prantos,
secarei já de chorar,
já que me coube por sorte
querer bem e não lucrar.

T — Tenho tão pouca ventura,
na sorte de te querer,
que te peço por esmola,
sim, me deixes padecer.

V — Vivo tão pensionado
que não sei dos meus cuidados,
se padeço ou se suspiro,
ou se choro de magoado.

X — Xorando só de continuo
por viver tão retirado,
na tua ausência, vidinha,
neste triste aflito fado.

Z — Zombe embora do meu pranto
pois a mim fizeste guerra,
tu outro não acharás
em todos os bens da terra.

O TIL com ser pequenino
também goza estimação.
Estou esperando a resposta
que venha da tua mão.

Estas líricas encerram um mundo de sentimento e julgamo-las uma versão, já muito deturpada, de algum ABC dos Açôres. Que o digam os entendidos.

Dos cantos épicos nada existe a não ser algumas pequenas quadrinhas.

Dos cantos líricos já comprovamos a existência. É por isso que nos julgamos pobres nessas matérias, como pobres temos sido em muitas outras coisas com referência à História. Felizmente, porém, o que possuímos dá para completo estudo para melhor e mais esforçado campeão.

Em todo o caso julgamo-nos felizes em podermos transcrever mais alguma coisa a êste respeito. Antes, porém, vejamos o que disse o Sr. von Koseritz a respeito da nossa poesia popular:

“A versão rio-grandense, que aqui fica (Nau Catarineta), é muito menos completa do que a versão de Lisboa, de Almeida Garrett, do Algarve, da Ilha de São Jorge e do Ribatejo. — Examinando com cuidado essas diferentes versões, chega-se à conclusão, que o romance foi importado na Província pelos ilhéus aqui estabelecidos no fim do século passado, porque é evidente uma corrupção das versões da Ilha de São Jorge (Rosal) que apresenta Teófilo Braga nos cantos populares do Arquipélago dos Açôres, págs. 285 a 287”.

Creemos que esta opinião é de muita valia, atendendo que foi ditada por quem não pode ser senão imparcial, como estrangeiro, e de mais sendo o assunto puramente científico.

O estudo da poesia popular entre nós vai assumindo uma importância real, o que muito nos satisfaz. O Brasil é uma nação que por todos os

títulos merece o respeito daqueles que nela convivem, já pela sua importância comercial, já pela atitude que tem sabido assumir em todos os ramos do saber humano.

A não pensarem como Humboldt que tudo é grande neste país, menos o homem, o que não deixa de ser absurdo, porquanto só o homem poderia fazer o Brasil atingir o ponto que atingiu.

Passemos a transcrever mais duas líricas que recolhemos, as quais nos parecem outras tantas versões ou variantes dos Açores. Pena é que não sejam mais extensas e, mesmo, mais completas:

*A carta que me escreveste,
amor, cá não chegou:
se queres alguma coisa,
dizei-me que aqui estou.*

*— Se alguma coisa eu quero
agora mesmo te digo,
que eu não vou dêstes pagos
sem levar vacê comigo.*

*Eu com vacê não irei,
meus pais não irão contentes,
que eu fique nestas ruas
difamada para sempre.*

*— Difamada para sempre
eu não hei de lhe deixar,
que em fama eu te meto
sem fama hei de levar.*

*Meu senhor não fale alto
meu pai deitou-se a dormir;
famas ainda não tenho
mas daí me podem vir.*

*— Não me importa que êle ouça
que aqui nos venha achar;
se acaso êle vier
de sogro lhe hei de chamar.*

*Êle sogro ainda não é
eu também digo que não;
ainda não lhe perguntei
pela sua geração.*

*— Minha geração é boa
no Reino de Portugal;
filho de Nossa Senhora,
ela nos há de ajudar.*

A outra que temos e a seguir transcrevemos, embora não exista no *Romanceiro Geral*, julgamo-la açoriana. É assim e igualmente incompleta:

*Meu benzinho, diga, diga,
por tua bôca confessa,
se algum dia tu tiveste
amor que mais eu quisesse,
mas confesso que não tive
quem mais trabalho me desse.*

*— Se mais trabalho te dei
por tua mão procuraste,
que de casa de meus pais
bem raivosa me tiraste.*

*— Se raivosa te tirei
por me ver perseguido,
quantas e quantas vêzes
bem me tenho arrependido.*

*— Por que te arrependes ingrato,
tenho eu um gênio doce,
prouvera que fôsse amoroso
não andavas tão desgostoso.*

*— Que desgostosa tu vives
vivendo desta sorte,
te prometo lealdade,
lealdade até a morte.*

*— Pois eu sinto e sentirei
sinto mil ingratidões,
sinto ser uma dona
e roubada dos ladrões.*

*— Eu dos ladrões nunca fui,
e te juro de não ser,
enquanto viver sujeito
debaixo de teu poder.*

— Debaixo do meu poder
foi que tivestes valia,
que saindo para fora
acabais a fidalguia.

— Fidalguia sempre tive
que disto me hei de gabar,
que com gente de outra esfera
não me hei de misturar.

— Misturar há de por fôrça
que isto vem de geração;
que as meninas dêstes tempos
não se dão a estimação.

— Estimação não se dão
aquelas que são pobres,
que uma rica como eu
só procura gente nobre.

— Gente nobre hei de por fôrça
que esta vem por festejar;
que pior é dar-lhe um coice
e o melhor vem a ficar.

— Que o melhor vem a ficar,
já sei que queres dizer:
queres dominar meu corpo
que isto me dais a entender.

.....
.....

Antes de encerrarmos nosso modesto estudo sobre a poesia popular, vamos ainda transcrever uma silva de quadrinhas que mandamos ao Sr. Sílvio Romero:

SILVA DE QUADRINHAS
(Recolhidas na cidade do Rio
Grande, em 1880.)

Meu raminho de perpétua,
sê perpétua tôda a vida...
Faze tu por ser perpétua,
minha perpétua querida.

No viver tuas perpétuas
eu perpetuo o amor;
tens perpétua recendência,
perpétua é minha dor.

Ah! perpétua, se és perpétua
só pela perpetuidade,
não queiras não oh! perpétua
minha perpétua saudade.

*

Adeus, querida priminha,
adeus te digo chorando,
adeus eu torno a dizer-te
pois se volto, não sei quando.

Recebi querida prima
os versos que me escreveste:
se eu era cativo teu,
mais cativo me fizeste.

*

Senhora Dona Silvana
raminho de bem querer;
quem se chega à sua sombra
não se deve arrepender.

*

Meu coração é tão doce,
O teu é mais azedinho...
Vamos ajuntar os dois
e fazer um quizadinho.

*

Eu plantei, mas não colhi
carrapicho pela estrada;
tôda a vida tive raiva
duma velha confiada.

*

O alecrim na beira d'água
pode estar quarenta dias;
um amor fora do outro
não pode estar nem um dia.

*

Já te dei meu coração
para não ter companheiro...
Se eu te ver em braços de outro
com esta dor morrerei.

*

Por ausente estar não penses
que de ti me hei de esquecer;
quanto mais ausente esteja
mais eu firme te hei de ser.

*

Eu jurei amar-te ó linda
sem o céu ser sabedor;
amar-te sempre, de sempre,
e ainda morrer de amor.

*

Amando-te com ternura
meu amor mais força tem;
um peito firme constante
não pode amar mais ninguém.

*

Não te dou meu coração
porque não posso arrancar;
arrancando sei que morro,
morrendo não posso amar.

*

Alguém nos perguntou
se nós nos queremos bem;
nega ó linda de minha alma,
nega que eu nego também.

*

Iáiázinha estou doente
só me queixo de você;
seus olhos tão feiticeiros
só não matam quem não vê.

*

Nos negócios de namôro
ninguém meta a mão no meio,
e depois não vá dizendo
tal que sim, que foi, que veio...

*

Quem é aquêlo que vem
com cara de quem já quer,
mortificando o seu corpo
querendo a quem não lhe quer.

*

Quem é aquêlo que lá vem
reluzindo tanta prata?
— É o meu primo José
que com semblante nos mata.

*

Meu amor zangou comigo
me chamou rabo de peixe;
eu disse então: — meu amor
quando não quiser me deixe.

*

Iáiázinha — ôcê dê logo
aquilo que prometeu,
pois depois não vá dizendo
coitadinho já morreu.

*

Antes eu nunca te visse,
nem te tomasse amizade,
para agora eu não sentir
tão rigorosa saudade.

*

Que saudades, que suspiros
não terei neste deserto;
de me ver longe de ti
depois de estarmos tão perto!

*

Uma saudade me mata,
uma esperança me ampara:
algum dia há de findar-se
a ausência que nos separa.

*

Salta daqui brasa viva,
fogo que estás me queimando,
vai te embora, não te quero...
... vem cá, meu bem, stou brincando.

*

Eu fiz também juramento
que não pretendo quebrar,
de amar uma moreninha
que tem no rosto um sinal.

*

Eu fiz também juramento
com a mão em cima dum livro,
de não amar outros olhos
enquanto os teus forem vivos.

*

Eu vos envio um adeus
do meu coração saudoso;
adeus, querida morena,
até um dia ditoso!

*

Sempre acostumado a ver-te
eu passava alegremente;
hoje só lágrimas tristes
por de ti estar ausente.

*

Quem parte, parte sem alma,
quem fica vida não tem;
não tem alma, não tem vida
quem deixa o amor que tem.

*

Rigorosa despedida,
saudades de uma afeição,
adeus prenda venerada,
amor do meu coração.

*

Eu bem quero mais não posso
impedir esta partida:
é forçosa na verdade
esta triste despedida.

*

Eu te disse, meu amor,
que não te esqueças de mim:
inda que ausência delantes (?)
não penses que eu já dei fim.

*

Atirei um limão verde
de maduro foi ao fundo;
os peixinhos responderam —
— viva Dom Pedro Segundo!

*

Atirei um limão verde
em cima da sacristia,
deu no cravo, deu na rosa,
deu na môça que eu queria.

*

O marmelo é fruta boa
enquanto não apodrece;
assim são amôres novos
enquanto não se aborrece.

*

O marmelo é fruta boa
enquanto não apodrece:
assim é todo o amor nôvo
enquanto não envelhece...

*

*Eu hei de mandar fazer
ou fazer por minhas mãos,
um coração que adivinhe
se me queres bem ou não.*

*

*A saudade que me destes
colhida no teu jardim,
 guardei-a dentro dum vaso
 para ver qual é seu fim.*

*

*Manjerona pequenina
quem mandou me querer bem...
— Foi a minha pouca sorte
 não me queixo de ninguém.*

*

*A salsa de minha horta
de verde está se perdendo,
 assim também são amigas
 que por trás vão nos vendendo...*

*

*Lá em cima daquele cêrro
tem um lenço que foi meu;
 se um cravo encontrares dentro,
 não te assustes que sou eu.*

E agora, recolhendo-nos ao silêncio, damos lugar a que mais abalizados escritores saltem na arena para tratar dêste assunto, tão vasto quanto importante.

Rio Grande, 1880.

Nota Importante

Em 1951, por ocasião de se realizar o I Congresso Brasileiro de Folclore, no Rio de Janeiro, enviamos, como contribuição, o presente estudo do Sr. Carlos Alberto Miller. Entretanto, o que então mandamos, não

estava completo, pois o filho do autor, Dr. Alcides Lopes Miller, só aquilo nos havia fornecido por cópia. Poucos meses antes de falecer, o Dr. Alcides Miller nos entregou novamente o trabalho de seu pai, mas, conforme verificamos, mais amplo, declarando-nos, porém, que a parte publicada no *Eco do Sul* continha ainda *diversas lucubrações e rodeios em torno de folclore, poesia e escolas poéticas que, por julgar descabidas no estudo, havia cortado.*

Eis por que o trabalho do Sr. Carlos A. Miller que aqui reproduzimos está mais amplo e com mais exatidão do que a cópia enviada ao I Congresso Brasileiro de Folclore, e que mereceu da ilustre folclorista e poetisa das maiores de nossa terra, D. Cecília Meirelles, francos aplausos para inclusão nos Anais. Entretanto até o presente não apareceu o volume em que êste trabalho de Carlos A. Miller deveria aparecer.

O Dr. Alcides Lopes Miller, advogado, poeta e ensaísta, nasceu na cidade do Rio Grande em 1885 e faleceu em Pôrto Alegre, em 1957.

Pôrto Alegre, setembro de 1959.

Walter Spalding